



O PIBID LETRAS-ESPAÑHOL UFRRJ: REFLEXÃO E PROMOÇÃO DA CULTURA DE INCLUSÃO NA BAIXADA FLUMINENSE

Milene Peixoto Cabral¹

Rayane da Silva Alves²

Emilly Medeiros Aguiar³

Maria Victória Milesi e Silva⁴

Maristela da Silva Pinto⁵

RESUMO

Diante de uma realidade heterogênea como a brasileira, a promoção da inclusão e a reflexão crítica sobre as implicações éticas de nossas interações e o respeito ao outro torna-se crucial no ambiente escolar. Assim, o subprojeto PIBID Letras-Espanhol da UFRRJ, intitulado "Espanhol como ponte para uma sala de aula heterogênea e o letramento digital: rompendo fronteiras entre o mundo hispânico e a Baixada Fluminense", através da equipe Gaia, atuante no Colégio Estadual Comendador Soares, localizado no município de Nova Iguaçu/RJ, emerge como uma oportunidade para desenvolver dispositivos de prática inovadores (Ramos, 2015) voltados para a heterogeneidade, sobretudo direcionada para os estudantes neurodivergentes. A fundamentação deste trabalho reside na premissa de que o paradigma inclusivo (Lustosa, 2021) é crucial e deve ser tratado na educação não só para os professores, mas também instruindo os estudantes a tornarem o ambiente mais acolhedor e com o intuito de formar sujeitos críticos, éticos e responsáveis para a sociedade, independentemente de suas características, respeitando e valorizando as diferenças. Desse modo, a equipe Gaia realizou a dinâmica "o mundo dos neurodivergentes" com foco na inclusão dos neurodivergentes, em específico TEA, TDAH, dislexia e disgrafia, com 6 sujeitos da turma 1004 na aula de Língua Espanhola do Colégio Estadual Comendador Soares, com a finalidade de: (I) apresentar o conceito de neurodivergente (Mingrone, 2024); (II) promover a empatia e o respeito com o outro através de cartões com personagens e situações do cotidiano; (III) refletir sobre como um ambiente acolhedor é essencial e o como transformá-lo. Os resultados das atividades foram proveitosos, visto que os estudantes demonstraram a compreensão e o interesse acerca do tema, além de mostrarem soluções e refletirem sobre como incluir colegas da instituição.

Palavras-chave: PIBID, Neurodivergência, Inclusão, Práticas Pedagógicas.

1 Pibidiana do subprojeto Letras – Espanhol da UFRRJ/IM, milenepeixoto252@gmail.com

2 Pibidiana do subprojeto Letras – Espanhol da UFRRJ/IM, rsa.ufrj@gmail.com

3 Pibidiana do subprojeto Letras – Espanhol da UFRRJ/IM,, emillymaguiar@gmail.com

4 Pibidiana do subprojeto Letras – Espanhol da UFRRJ/IM, mavi.milesi@gmail.com

5 Coordenadora de Área do PIBID Letras - Espanhol da UFRRJ/IM, maristela.ufrj@gmail.com





INTRODUÇÃO

No contexto escolar do Brasil e do mundo, a heterogeneidade é uma realidade e precisamos entender e considerar que os estudantes aprendem de diferentes maneiras e ritmos, independentemente de serem típicos ou neurotípicos, ou seja, sujeitos que tem alguma dificuldade cognitiva, como na socialização, que é uma das características do Transtorno do Espectro Autista (TEA). A fim de atendermos a todos os estudantes de nossas salas de aula, a inclusão se tornou pauta das leis e da realidade das escolas e nós, como futuros professores junto ao subprojeto do PIBID entendemos que urge a necessidade de se elaborar diferentes dispositivos de prática e metodologias de aprendizagem que atendam a todos os estudantes (Ramos, 2015).

Dessa forma, o subprojeto PIBID Letras-Espanhol da UFRRJ, intitulado "Espanhol como ponte para uma sala de aula heterogênea e o letramento digital: rompendo fronteiras entre o mundo hispânico e a Baixada Fluminense", por meio da equipe Gaia, a qual é atuante no Colégio Estadual Comendador Soares, localizado no município de Nova Iguaçu/RJ, durante o módulo da denominado inclusão oportunizou a nós, futuras professoras, aprofundar o conhecimento sobre os neurodivergentes e a construção de atividades adaptadas para esse público. Assim, elaboramos e desenvolvemos a atividade nomeada de “O mundo dos neurodivergentes”. Essa atividade foi crucial para que os estudantes da Educação Básica pudessem refletir empaticamente sobre os colegas neurodivergentes da escola, bem como compreender o que cada um pode ter como dificuldade e passar a não mais excluí-los, mas sim acolhê-los dentro do meio escolar.

Para tanto, debruçamo-nos nos seguintes autores: Thiollent (2011) com reflexões acerca da conciliação entre teoria e prática, Lustosa (2021) com a crítica em seu livro acerca da inclusão, Mingrone (2024) sobre os neurodivergentes e os desafios os quais enfrentam, Ramos (2015) com os dispositivos de prática de José Pacheco na Escola da Ponte. Esses autores são cruciais, pois a união deles faz com que este trabalho se complete e o sucesso de nossa prática no Colégio Comendador Soares.





REFERENCIAL TEÓRICO

Lançar mão de autores como Thiollent (2011); Lustosa (2021); Mingrone (2024); Ramos (2015) se fez necessário, visto que conversavam e articulavam com a proposta do módulo do subprojeto o qual focava na inclusão dos diferentes sujeitos no meio escolar, bem como a construção de diferentes dispositivos para eles.

Nosso ponto de partida foi o de compreender as terminologias. Com isso, partimos da definição de pessoa com deficiência para chegar ao que é a pessoa neurodivergente e, então, à construção da prática. De acordo com o artigo 2º da Lei Brasileira de Inclusão, 13.146/2015,

considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

A partir da citação, compreende-se a quem se destina a nomenclatura de neurodivergente, bem como a característica de impedimento de longo prazo sendo estabelecida, ou seja, é uma característica para a vida toda. Assim,

ser uma pessoa neurodivergente significa ter uma forma de processar a informação e experimentar o mundo que difere do padrão considerado típico ou neurotípico (MINGRONE, 2024)

Isto é, são pessoas que possuem alguma diferença no processamento cerebral, seja com melhor aptidão em algumas áreas e menor em outras. No entanto, eles não são homogêneos, mas sim heterogêneos. Uma vez entendida a terminologia “neurodivergente”, nos debruçamos nos diferentes tipos de transtornos.

Alguns dos transtornos em que nos debruçamos a compreender um pouco mais, uma vez que os deparamos em nossa escola parceira, foram: o Transtorno do Espectro Autista (TEA), muitas vezes relacionado à socialização-; o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), relacionado à dificuldade de atenção; Dislexia, relacionado à questões de leitura, no que se refere ao processamento da linguagem.

Ao visar essas questões, Lustosa (2021) foi crucial para pensar no paradigma inclusivo que construímos, visto que a defesa de uma escola inclusiva é uma das pautas da autora. Já que, nas palavras dela, para a construção de uma escola inclusiva necessitamos mudar as práticas pedagógicas, isso com o apoio da gestão e das políticas públicas para essas pessoas.





Visto a necessidade de acompanhar esse processo de inclusão em todos os eixos, pois a escola deve ser um espaço de acolhimento e socialização para com os outros, incluindo pessoas historicamente excluídas pelas suas deficiências. Por isso, também é necessário que o conhecimento sobre as deficiências chegue aos estudantes tidos como neurotípicos com o intuito de evitar essa exclusão, fomentando a noção do acolher e do bom convívio. Isso porque já vivemos com pessoas diferentes o tempo todo e a heterogeneidade está presente em todos os eixos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e descritiva, fundamentada em princípios da pesquisa-ação, uma vez que as participantes estiveram diretamente envolvidas no processo de planejamento, execução e análise das práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar. Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação busca articular a produção de conhecimento à transformação da realidade, favorecendo o diálogo entre teoria e prática — aspecto essencial no âmbito da formação docente inicial.

O campo de atuação da investigação foi o Colégio Estadual Comendador Soares, localizado no município de Nova Iguaçu/RJ, onde atua a equipe Gaia, vinculada ao subprojeto PIBID Letras-Espanhol da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A escolha dessa instituição deve-se à sua representatividade como espaço de ensino público na Baixada Fluminense, marcada por forte heterogeneidade sociocultural e pela presença de estudantes com diferentes necessidades educacionais.

A atividade central, intitulada “O mundo dos neurodivergentes”, foi elaborada e conduzida em uma turma do 1º ano do Ensino Médio (1004), composta por seis estudantes participantes diretos da dinâmica. A proposta teve como objetivo promover a reflexão sobre a inclusão de sujeitos neurodivergentes — especificamente com TEA, TDAH, dislexia e disgrafia — no ambiente escolar, buscando ampliar a compreensão e o respeito às diferenças, conforme os princípios do paradigma inclusivo defendido por Lustosa (2021).

O desenvolvimento metodológico seguiu três etapas principais:

I. Planejamento da intervenção pedagógica: nesta fase, o grupo elaborou os materiais e os procedimentos da dinâmica com base em leituras teóricas sobre inclusão e neurodiversidade





(Mingrone, 2024; Ramos, 2015; Lustosa, 2021). Foram confeccionados cartões ilustrativos com personagens e situações cotidianas que simulavam desafios vivenciados por pessoas neurodivergentes, possibilitando a sensibilização dos alunos frente às diferenças.

II. Aplicação da atividade: a dinâmica ocorreu durante uma aula regular de Língua Espanhola, com duração aproximada de 50 minutos. Os pibidianos explicaram o conceito de neurodivergência, promoveram a interação entre os grupos e mediarão reflexões acerca das atitudes empáticas e do papel da comunidade escolar na construção de um ambiente acolhedor. A docente supervisora acompanhou todo o processo, garantindo a adequação didático-pedagógica.

III. Reflexão e análise dos resultados: após a realização da dinâmica, foi feito um momento de diálogo coletivo, em que os estudantes compartilharam percepções, sentimentos e sugestões sobre como tornar o espaço escolar mais inclusivo. As respostas e comentários foram registrados em anotações de campo e analisados de forma interpretativa, observando-se o nível de engajamento, empatia e compreensão conceitual demonstrado pelos participantes.

Por se tratar de uma ação educativa de caráter extensionista e formativo, a pesquisa não envolveu coleta de dados sensíveis, tampouco identificação individual dos estudantes, respeitando os princípios éticos da pesquisa em ambiente escolar. O uso de imagens foi evitado, priorizando o relato descritivo das ações.

Dessa forma, a metodologia adotada neste trabalho evidencia o caráter formativo do PIBID, pois permitiu às licenciandas articular teoria e prática na construção de práticas pedagógicas voltadas à inclusão, reafirmando a importância de uma educação crítica, reflexiva e comprometida com a valorização da diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da dinâmica “O mundo dos neurodivergentes”, ocorrida no dia 06 de maio de 2025, revelou-se uma experiência significativa tanto para os alunos da turma 1004 quanto para as pibidianas envolvidas na ação. Durante o desenvolvimento da atividade, observou-se um alto nível de interesse, engajamento e participação dos estudantes, que demonstraram curiosidade em compreender os conceitos apresentados e empatia ao lidar com as situações propostas nos cartões. Assim a atividade foi dividida em pré-leitura, leitura e pós-leitura.



Na pré-leitura, ao serem introduzidos aos termos TEA, TDAH, dislexia e disgrafia através de uma dinâmica de pré-leitura, alguns alunos manifestaram dúvidas e reconheceram

não conhecer profundamente o significado de cada um desses transtornos. Essa constatação reforça a importância de trazer o tema da neurodivergência para o espaço escolar, pois muitos estudantes convivem diariamente com colegas que apresentam tais características sem, contudo, compreender suas especificidades. A explicação conceitual, acompanhada de exemplos concretos e linguagem acessível, possibilitou que os discentes se apropriassem de novos saberes, conectando-os à sua realidade social.

Durante a dinâmica dos cartões (imagem 01), em que os participantes precisavam se colocar no lugar de personagens com desafios relacionados à neurodivergência, observou-se uma mudança gradual de postura. Inicialmente, as reações foram marcadas por curiosidade e leve desconforto diante das diferenças; entretanto, ao longo das interações mediadas, os alunos passaram a demonstrar atitudes de empatia, respeito e acolhimento, evidenciando a eficácia da atividade como instrumento de sensibilização. Essa transformação comportamental está em consonância com o que Ramos (2015) denomina “dispositivos de prática inovadores”, capazes de promover a reflexão crítica por meio da experiência vivenciada em sala de aula.

Imagem 01 - Cartão de situação



Fonte: acervo pessoal.

Imagem 02 - Pibidiana e aluna, formando uma das duplas



Fonte: acervo pessoal.

Conforme as imagens acima, apresentamos a eles situações como a exemplificada na imagem 01 que se refere a Ana, uma menina que sonha em ser cantora, mas encontra muitas dificuldades em escrever e ler, visto que as palavras parecem voar para ela. Essa situação visou representar um dos desafios que podem ocorrer com os estudantes com dislexia, um quadro que afeta no processamento da linguagem por partes do cérebro. Já na imagem 02, há uma das duplas formada pela pibidiana Emilly Aguiar e uma das estudantes da instituição em





que foi realizada a atividade. Assim, ambas tiveram a missão de descobrir como auxiliar na situação contida nas cartas de situação.

Além disso, nas falas espontâneas dos alunos, emergiram reflexões sobre a importância do diálogo e da paciência no convívio escolar, bem como sugestões práticas para incluir colegas com dificuldades de concentração ou de escrita. Tais manifestações revelam um avanço no sentido de compreender a inclusão não apenas como obrigação institucional, mas como atitude ética e humana. Essa perspectiva se aproxima da ideia de paradigma inclusivo proposta por Lustosa (2021), que defende a necessidade de uma escola que acolha as diferenças e forme sujeitos críticos e solidários.

O momento final da primeira atividade evidenciou a reflexão coletiva, os estudantes reconheceram a relevância do tema e demonstraram disposição para repensar suas próprias atitudes, apontando situações concretas em que poderiam agir de forma mais empática. As pibidianas, por sua vez, relataram que a experiência contribuiu para sua formação docente, pois as levou a refletir sobre os desafios reais da inclusão escolar e a importância de elaborar práticas pedagógicas que respeitem a diversidade de perfis cognitivos e comportamentais.

Posteriormente, a leitura consistiu na apresentação do curta “El viaje de María” em que trata da história de como Maria, uma menina com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enxerga o mundo. Esse momento também foi um dos que concedemos aos estudantes o espaço para o diálogo e a partilha, visto que um dos alunos se sentiu confortável em comentar acerca da realidade em casa com o irmão mais novo, bem como enxergou a dinâmica como importantíssima para a comunidade escolar em geral.

Na pós-leitura, os estudantes elaboraram um jornal informativo na plataforma Canva (imagem 03 e 04) acerca do abril azul, o mês em que a conscientização sobre o TEA é realizada. Primeiramente, eles incluíram informações sobre o que seriam pessoas neurodivergentes ou neurotípicas (imagem 03), apresentando um conceito. Em segundo lugar, puseram exemplos de transtornos como a dislexia, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção (TDAH), bem como os explicaram de forma sintética, pautando-se nas informações que encontraram na rede. Por fim, o foco foi para o TEA ao abordarem as iniciativas de inclusão em instituições de ensino, incluindo a significação do símbolo no combate ao preconceito e a promoção da inclusão dessas pessoas na sociedade.



Imagem 03 - Produção do jornal no Canva



Imagem 04 - Jornal produzido



Os resultados obtidos (imagem 04), portanto, evidenciam que a ação desenvolvida atingiu seus objetivos: ampliar a consciência dos estudantes sobre a neurodivergência, estimular o respeito às diferenças e fortalecer o compromisso ético e inclusivo no contexto escolar. A análise das falas e das reações dos participantes mostrou que é possível, através de atividades simples e dialogadas, construir um espaço educativo mais acolhedor, participativo e sensível às particularidades humanas.

Assim, o trabalho realizado pela equipe Gaia, no âmbito do PIBID Letras-Espanhol/UFRJ, reafirma o papel do programa como ponte entre a universidade e a escola pública, promovendo experiências formativas que transformam tanto os futuros professores quanto os estudantes da educação básica. Essa aproximação prática contribui não apenas para a aprendizagem de conteúdos linguísticos, mas também para a consolidação de uma educação humanizadora, pautada na empatia, no respeito e na valorização da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada através do subprojeto PIBID Letras-Espanhol da UFRJ evidenciou o papel essencial da formação docente inicial no desenvolvimento de práticas pedagógicas comprometidas com a inclusão e a valorização da diversidade. A realização da dinâmica “O mundo dos neurodivergentes” permitiu não apenas ampliar o conhecimento dos estudantes sobre o tema, mas também estimular a empatia, o respeito e a reflexão crítica diante das diferenças individuais presentes no ambiente escolar.





Os resultados obtidos demonstraram que a sensibilização acerca da neurodivergência pode ser alcançada por meio de estratégias simples, dialógicas e participativas, desde que

estas estejam ancoradas em fundamentos teóricos sólidos e em uma postura ética e acolhedora. Nesse sentido, o trabalho corrobora a relevância do paradigma inclusivo (Lustosa, 2021) como eixo orientador das práticas educativas contemporâneas, reafirmando que o ensino de línguas também é espaço para a construção de valores humanos e sociais.

Do ponto de vista formativo, o projeto contribuiu significativamente para o amadurecimento profissional das pibidianas, oferecendo-lhes a oportunidade de articular teoria e prática, repensar metodologias e compreender o papel transformador do educador na promoção da equidade. Assim, o PIBID reafirma sua importância como política pública voltada à valorização do magistério e à consolidação de uma educação que reconhece e respeita as diferenças.

Em síntese, o trabalho desenvolvido demonstra que a inclusão escolar não deve ser entendida como uma ação isolada ou pontual, mas como um processo contínuo de construção coletiva, que envolve professores, estudantes, gestores e toda a comunidade educativa. As reflexões geradas a partir desta experiência reforçam a necessidade de novas práticas e pesquisas voltadas à temática da neurodiversidade, para que as escolas se tornem, de fato, espaços de pertencimento, diálogo e transformação social.

Portanto, vale ressaltar a importância do PIBID enquanto política pública para a melhoria da qualidade do ensino, principalmente no que se refere às questões sociais e ao desenvolvimento do pensamento crítico quanto às questões sociais para com os estudantes que serão o futuro da sociedade brasileira.

AGRADECIMENTOS

As autoras expressam seus sinceros agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio e financiamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), cuja contribuição é fundamental para o fortalecimento da formação docente no Brasil.

Agradecem, de modo especial, às professoras coordenadoras de área, Debora Zoletti e Maristela da Silva Pinto, pela orientação e dedicação constante, bem como ao supervisor Wallace Modesto e docentes da Escola Estadual Comendador Soares, pelo acolhimento e a parceria durante o desenvolvimento das atividades.





Estendem também sua gratidão à equipe Gaia, pela colaboração, troca de saberes e comprometimento coletivo na construção de práticas pedagógicas inovadoras e humanizadas,

e à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), por proporcionar um ambiente de formação crítica, reflexiva e inclusiva. A todos os estudantes participantes da turma 1004, que se mostraram abertos ao diálogo e à aprendizagem, o reconhecimento sincero pela contribuição essencial à realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13146.htm.

CAETANO, G. L.; JUNIOR, S. S. H.; PEREIRA, G. R. Percepções de mediadores sobre a inclusão de autistas em museus de ciências. *actio: docência em ciências*, v. 9, n. 3, p. 1-23, 2024.

CLÍNICA CATTELL PSICÓLOGOS EN MURCIA. El viaje de María. Youtube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zn9i63lu0xe>. Acesso em: 06 de mai. de 2025.

LUSTOSA, F. G.; FIGUEREDO, R. V. Inclusão, o olhar que ensina! A construção de práticas pedagógicas de atenção as diferenças. 2021.

MINGRONE, A. G. *Pessoas neurodivergentes: tipos, sintomas e desafios*. Psicologia-Online, 21 jul. 2025. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/pessoas-neurodivergentes-tipos-sintomas-e-desafios-1852.html>. Acesso em: 12 jul. 2025.

PEREIRA, G. R. et al. Educação científica para crianças com transtorno do espectro autista durante a pandemia da covid-19. *Actio: docência em ciências*, v. 8, n. 1, p. 1-25, 2023.

RAMOS, A. R. O processo de construção da autonomia em ambientes educativos: a proposta inovadora da escola da ponte. 2015.

REIS, M. G. F.; CAMARGO, D. M. P. Práticas escolares e desempenho acadêmico de alunos com tdah. *Psicologia escolar e educacional*, v. 12, p. 89-100, 2008.

RIBEIRO, N. C. R.; MARTELETO, R. M. O manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais enquanto um dispositivo info-comunicacional. *Encontros Bibli*, v. 28, p. e90801, 2023.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-Ação 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

